programa final

Encontro Nacional de Produtores e Usuários de Informações Sociais, Econômicas e Territoriais

INFORMAÇÃO PARA UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

III Conferência Nacional de Geografia e Cartografia

IV Conferência Nacional de Estatística

Reunião de Instituições Produtoras
Fórum de Usuários
Seminário "Desafios para Repensar o Trabalho"
Simpósio de Inovações
Jornada de Cursos
Mostra de Tecnologias de Informação

27 a 31 de maio de 1996
Rio de Janeiro, RJ BRASIL

Uma das maneiras de olhar o ofício de produzir informações sociais, econômicas e territoriais é como arte de descrever o mundo. Estatísticas e mapas transportam os fenômenos da realidade para escalas apropriadas à perspectiva de nossa visão humana e nos permitem pensar e agir à distância, construindo avenidas de mão dupla que juntam o mundo e suas imagens. Maior o poder de síntese dessas representações, combinando, com precisão, elementos dispersos e heterogêneos do cotidiano, maior o nosso conhecimento e a nossa capacidade de compreender e transformar a realidade.

Visto como arte, o ofício de produzir essas informações reflete a cultura de um País e de sua época, como essa cultura vê o mundo e o torna visível, redefinindo o que vê e o que há para se ver.

No cenário de contínua inovação tecnológica e mudança de culturas da sociedade contemporânea, as novas tecnologias de informação - reunindo computadores, telecomunicações e redes de informação - aceleram aquele movimento de mobilização do mundo real. Aumenta a velocidade da acumulação de informação e são ampliados seus requisitos de atualização, formato - mais flexível, personalizado e interativo - e, principalmente, de acessibilidade. A plataforma digital vem se consolidando como o meio mais simples, barato e poderoso para tratar a informação, tornando possíveis novos produtos e serviços e conquistando novos usuários.

Acreditamos ser o ambiente de conversa e controvérsia e de troca entre as diferentes disciplinas, nas mesas redondas e sessões temáticas das Conferências Nacionais de Geografia, Cartografia e Estatística e do Simpósio de Inovações, aquele que melhor enseja o aprimoramento do consenso sobre os fenômenos a serem mensurados para retratar a sociedade, a economia e o território nacional e sobre as prioridades e formatos das informações necessárias para o fortalecimento da cidadania, a definição de políticas públicas e a gestão político - administrativa do País, e para criar uma sociedade mais justa.

Simon Schwartzman
Coordenador Geral do ENCONTRO

Promoção

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBGE
Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica
IBGE
Associação Brasileira de Estudos Populacionais
ABEP

Co-Promoção

Associação Brasileira de Estatística
ABE
Associação Brasileira de Estudos do Trabalho
ABET
Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva
ABRASCO
Associação Nacional de Centros de Pós-graduação em Economia
ANPEC
Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
ANPOCS
Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia
ANPEGE
Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional
ANPUR
Sociedade Brasileira de Cartografia
SBC

Apoio

Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
FIRJAN
Academia Brasileira de Letras
ABL
Conselho Nacional de Pesquisas
CNPq
Financiadora de Estudos e Projetos
FINEP
Revista Ciência Hoje

Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central
CODEPLAN (DF)
Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo S/A
EMPLASA (SP)
Empresa Municipal de Informática e Planejamento S/A
IPLANRIO (RJ)
Fundação Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro
CIDE (RJ)
Fundação de Economia e Estatística
FEE (RS)
Fundação de Planejamento Metropolitano e Regional
METROPLAN (RS)
Fundação Instituto de Planejamento do Ceará
IPLANCE (CE)
Fundação João Pinheiro
FJP (MG)
Fundação Joaquim Nabuco
FUNDAJ (PE)
Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SEADE (SP)
Instituto Ambiental do Paraná
IAP (PR)
Instituto de Geociências Aplicadas
IGA (MG)
Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis
IPEAD (MG)
Instituto do Desenvolvimento Econômico Social do Pará
IDESP (PA)
Instituto Geográfico e Cartográfico
IGC (SP)
Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento "Jones dos Santos Neves"
IJSN (ES)
Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPARDES (PR)
Processamento de Dados do Município de Belo Horizonte S/A
PRODABEL (MG)
Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SEI (BA)

Coordenação Geral

Simon Schwartzman

Comissões de Programa

Confege

César Ajara (IBGE)
Denizar Blitzkow (USP)
Jorge Marques (UFRJ)
Lia Osório Machado (UFRJ)
Mauro Pereira de Mello (IBGE)
Speridião Faissol (UERJ)
Trento Natali Filho (IBGE)

Confest

José A. M. de Carvalho (UFMG)
José Márcio Camargo (PUC)
Lenildo Fernandes Silva (IBGE)
Teresa Cristina N. Araújo (IBGE)
Vilmar Faria (CEBRAP)
Wilton Bussab (FGV)

Comissão Organizadora

Secretaria Executiva - Luisa Maria La Croix
Secretaria Geral - Luciana Kanham
Confege, Confest e Simpósio de Inovações
Anna Lucia Barreto de Freitas, Evangelina X.G. de Oliveira, Jaime Franklin Vidal Araújo, Lilibeth Cardozo R.Ferreira e Maria Letícia Duarte Warner
Jornada de Cursos - Carmen Feijó
Finanças - Marise Maria Ferreira
Comunicação Social - Micheline Christophe e Carlos Vieira
Programação Visual - Aldo Victorio Filho e Luiz Gonzaga C. dos Santos
Infra-Estrutura - Maria Helena Neves Pereira de Souza
Atendimento aos Participantes - Cristina Lins
Apoio
Andrea de Carvalho F. Rodrigues, Carlos Alberto dos Santos, Delfim Teixeira, Evilmerodac D. da Silva, Gilberto Scheid, Héctor O. Pravaz, Ivan P. Jordão Junior, José Augusto dos Santos, Julio da Silva, Katia V. Cavalcanti, Lecy Delfim, Maria Helena de M. Castro, Regina T. Fonseca, Rita de Cassia Ataualpa Silva e Taisa Sawczuk

Registramos ainda a colaboração de técnicos das diferentes áreas do IBGE, com seu trabalho, críticas e sugestões para a consolidação do projeto do ENCONTRO.

Os Serviços - Uma Contribuição Para O Debate

*Hildete Pereira de Melo**
*J. E. Cassiolato***

Introdução

A expansão das atividades de serviços constitui uma das mais importantes mudanças introduzidas no cotidiano humano no século XX. Não obstante, nos quase três séculos de desenvolvimento da ciência econômica deu-se pouca atenção a estas atividades. É evidente que nos primórdios da Revolução Industrial, a importância do setor era muito inferior ao seu papel atual. Mesmo assim, é considerado ainda como a parte menos entendida da economia, o que é surpreendente dada sua crescente importância tanto no emprego quanto na renda nacional (Riddle, 1986, p. 2). Um recente relatório do GATT (GATT 1989) indica que serviços tais como seguros, telecomunicações, transporte e todo o setor financeiro encontram-se no centro das economias nacionais, proporcionando insumos fundamentais ao setor industrial. A literatura brasileira sobre os serviços ainda é mais escassa do que o que tem sido produzido na Europa e nos EE.UU: nos anos 70 o IPEA publicou os trabalhos mais completos para análise do caso brasileiro, nos últimos anos algumas teses e artigos têm sido produzidos no país[1]. Este artigo trata de discutir o tema, reconhecendo a precariedade da literatura econômica brasileira sobre o assunto. Na primeira

---

* Faculdade de Economia/UFF

** Instituto de Economia/UFRJ

[1]Veja Almeida, W.J.M. de & Silva, M.da C., "Dinâmica do Setor Serviços no Brasil - Emprego e Produto", Rio de Janeiro, IPEA, Relatório de Pesquisa 18, 1973; Almeida, W.J.M. de, "Serviços e Desenvolvimento Econômico no Brasil - Aspectos Setoriais e Suas Implicações", Rio de Janeiro, IPEA, Relatório de Pesquisa 23, 1974; Almeida, Anna L.O.de, "Distribuição de Renda e Emprego em Serviços", Rio de Janeiro, IPEA, Relatório de Pesquisa 34, 1976; Andrade, M.V., "Setor Serviços no Brasil: A Dualidade Revisitada (1981/1990), Belo Horizonte, Tese de Mestrado, Cedeplar FACE/UFMG, 1994; Pero, V., "Terciarização e Qualidade do Emprego no Início dos Anos 90", Rio de Janeiro, Tese de Mestrado, IEI/UFRJ, 1995; Sobre a questão mais ampla da terciarização há uma gama maior de artigos sendo produzidos.

parte faz-se uma breve resenha da literatura sobre os serviços, na segunda discute-se a questão da classificação destas atividades e uma proposta de agenda de pesquisa para o Brasil, e na terceira faz-se um balanço dos sistemas existentes que produzem informações sobre estas atividades.

1. MARCO ANALÍTICO

Só nos anos 30 os serviços passaram a ser objeto de consideração na análise econômica, primeiro sob uma denominação genérica de "Terciário". Os principais autores foram: Fisher (1935), Clark (1940). O primeiro foi quem propôs uma classificação das atividades econômicas em primária, secundária e terciária identificando-as para cada caso concreto; para Fisher a característica do terciário é que este produzia bens imateriais. Colin Clark, em 1940, reafirma as idéias de Fisher quanto à divisão da produção econômica em três grandes setores. Em 1957, quando publicou a terceira edição de sua obra de 1940 "The Conditions of Economic Progress", introduz a expressão "Serviços", por que considerava esta muito mais adequada para expressar a grande variedade de atividades aí incluidas; a substituição da expressão "terciário" por "serviços" foi defendida por Clark porque esta nova nomenclatura anunciava uma crescente diversificação. Este também reconhecia que algumas atividades se orientavam quase que exclusivamente para o consumo final, enquanto outras são consumo intermediário; umas utilizam capital enquanto outras são intensivas em trabalho.[2] É evidente que o próprio desenvolvimento econômico contribuiu para que surgissem teorias sobre a natureza e a evolução destas atividades.

Observa-se que a definição de serviços[3] é, desde logo, problemática, mesmo porque estes incorporam uma grande variedade de atividades. Por sua vez, as dificuldades de

---

[2]Clark, Colin, (1940, 1951) - The Conditions of Economic Progress, Londres, MacMillan and Co Ltd., 1957

[3]Uma definição usual diferencia os serviços de outros bens derivados da produção industrial e agrícola pelo fato daqueles serem consumidos tal como produzidos e resultantes de um processo onde produção e consumo são coincidentes no tempo e espaço (ECC,1991). Assim, os serviços se caracterizariam pela circunstância de serem intangíveis, intransferíveis, não estocáveis e apresentarem contato direto entre produtores e consumidores. Em 1991 na Williambburg Conference (EUA), Joel Popkin afirmou "There is

mensuração do produto dos serviços são conhecidas e revelam-se na precariedade da base estatística que cobre o setor. A teoria econômica dispõe hoje de um vasto corpo analítico para apreender o comportamento dos setores primário e secundário. Porém, em se tratando de serviços, não foi capaz de produzir teoria e nem mesmo uma base de dados adequadamente organizada (Gershuny, 1987).

A despeito das dificuldades descritas anteriormente, é possível verificar que os serviços adquiriram uma importância crucial no emprego e nas transações econômicas gerais,[4]seja como atividade principal seja como atividade secundária de apoio à produção manufatureira e agrícola. Neste cenário, a relevância do setor serviços pode ser evidenciada a partir de múltiplas questões, entre as quais o seu crescente peso nas transações de comércio internacional e o fato das empresas dos setores financeiro e de comunicações se terem constituído num dos espaços privilegiados para a propagação dos efeitos da revolução microeletrônica, quer como iniciadoras/usuárias, quer como administradoras de sistemas tecnológicos complexos.

A heterogeneidade dos serviços e, conseqüentemente, as especificidades de suas questões têm sido potencializadas pelo processo de transformação que atingiu a economia mundial e tornou-se conhecido como a terceira revolução industrial. Este processo introduz um novo paradigma econômico-tecnológico, no centro do qual está a revolução microeletrônica introdutora de novos produtos e geradora de um processo de reestruturação industrial caracterizado por avanços significativos de produtividade e pela globalização das atividades econômicas.

---

an urgent need to redefine and retitle the major industries that comprise the nongoods sector in ways that better describe their role and significance in the U.S. industrial structure". Citado em Economic Classification Policy Comittee Issues Paper nº 6 - Services Classification. Ainda sobre este debate veja T.P.Hill (1977), "On Goods and Services", em The Review of Income and Wealth, 23, 315/338; e Economic Council of Canada, "Employment in the Service Sector", Minister of Supply and Services, Ottawa, Canadá, 1991.

[4]Atualmente com o crescimento das análises estatisticas sobre o PIB aumentou a importância do setor serviços na economia mundial: Griliches e Mohr (1992) afirmam que estes cresceram aproximadamente de 40% para cerca de 70%. Daniel Bell (1973) também coloca que até o final do século as atividades econômicas estarão dominadas pelo setor serviços.

O padrão de produção emergente na ordem mundial tem operado profundas mudanças na natureza dos serviços. O uso de novas tecnologias vem exigindo o aparecimento de novos serviços e fazendo de muitos deles insumos fundamentais para os demais setores econômicos, particularmente para a indústria. Essas mudanças acarretaram inovações em atividades como as de seguro, telecomunicações, transporte e intermediação financeira. Este processo, por sua vez, trouxe consigo novas exigências para a sociedade no campo da educação, do treinamento/conhecimento e da saúde. Tais considerações reforçam a idéia da dificuldade de se definir adequadamente o setor serviços. Evidenciam a impossibilidade de se conferir tratamento homogêneo a serviços tão díspares como os serviços financeiros, jurídicos, de informática, comunicações, engenharia, auditoria, consultoria, propaganda e publicidade, seguro e corretagem, estes na vanguarda tecnológica e seus aliados tradicionais os serviços de transporte, comércio, armazenagem. Juntem-se os serviços realizados para a sociedade pela administração pública, defesa/segurança nacional, saúde e educação e os serviços realizados para atender à demanda individual. A esta heterogeneidade estrutural deve-se adicionar uma tendência de que a participação dos serviços na economia seja tanto maior quanto maior seja a renda per capita.[5]

Assim, o setor serviços apresentou intenso crescimento ao longo do século XX. Este processo constituiu uma tendência geral, visível para a totalidade das economias nacionais e acelerou-se a partir da década de sessenta, esta expansão foi acompanhada por um fenômeno importante, que está no centro das preocupações das análises sobre o setor. Trata-se da elevação de seus preços relativos, explicada, fundamentalmente, pela constatação de que, por se tratar de atividades intensivas em trabalho, a produção dos serviços encontra fortes barreiras no que diz respeito ao avanço de produtividade. Nestas circunstâncias, um crescimento tendencial de salários reais se expressaria, necessariamente, numa elevação dos preços dos serviços[6].

---

[5]Sobre as causas do crescimento do setor serviços veja para uma revisão no campo da teoria econômica Guttiérrez,J.P. (1993), capítulo 2.

[6]Sobre este ponto, comentando a tendência verificada nas economias desenvolvidas, Gershuny (1987) afirma: os empregos na manufatura têm pago maiores salários em consonância com o aumento de sua produtividade; os empregos nos serviços tem pago maiores salários em linha com elevação dos salários industriais, num quadro de baixo crescimento da produtividade; obviamente, o crescimento dos salários reais no setor serviços só podem ser financiados por uma elevação dos preços dos serviços.

A elevação dos preços dos serviços implicou, de uma maneira geral, em dois efeitos. O primeiro deles manifestou-se numa forte substituição de um grande número de serviços pessoais mais simples por auto-serviços (self-servicing). Entretanto, tal substituição encontrou, e ainda encontra, rigidez em alguns serviços prestados a pessoas como, por exemplo, os serviços de saúde e educação (serviços sociais). Estes são serviços mais sofisticados e, em muitos países, prestados, numa grande proporção, pelo Estado. O crescimento de seus custos tem sido, muitas vezes, utilizado como explicação para a crise do "Estado de Bem-Estar" das economias da Europa Ocidental.

O segundo efeito da elevação dos custos dos serviços se fez no interior da expansão dos serviços intermediários voltados para a produção industrial. Nas economias desenvolvidas este crescimento teve como ponto de partida a introdução de inovações nos processos produtivos da indústria (revolução microeletrônica) que, por sua natureza, implicaram no surgimento de demandas para novas especialidades de serviços. Em geral, tais serviços, mais especializados e intensivos em conhecimentos específicos, não foram incorporados ao emprego direto da produção manufatureira. Principalmente algumas especialidades, utilizadas por múltiplos setores industriais, passaram a ser adquiridas de empresas prestadoras de serviços; estas endogeneizaram ganhos de escala e se tornaram capazes de substituir, com vantagem (menores custos), os serviços industriais auto-produzidos. O resultado líquido deste processo revelou-se na expansão do setor serviços como conqüência de fortes tendências à terceirizacão.

Na situação anteriormente descrita, o crescimento tendencial dos custos dos serviços foi um outro fator importante de estímulo à terceirização. Na medida em que gerou pressões sobre os custos industriais, por elevação das contribuições derivadas da legislação de proteção ao trabalho, pressionou as empresas a substituírem produção endógena de serviços por compras a terceiros. Aparentemente estas seriam mais eficientes na prestação destas atividades. Esta circunstância ocorreu tanto para os serviços modernos, que exigem mão-de-obra qualificada, quanto para os serviços tradicionais, empregadores de mão-de-obra desqualificada (limpeza, alimentação e serviços domésticos).

O quadro anteriormente descrito possibilita o resumo das principais tendências que marcaram a evolução recente do setor serviços nas economias desenvolvidas. Estas manifestaram-se em redução da importância dos serviços pessoais na geração do emprego e, simetricamente, na expansão da contribuição dos serviços prestados às empresas. Dentro

destes últimos, cresceram em peso os serviços modernos empregadores de mão-de-obra especializada, isto é o binômio informática e comunicações. Já nos serviços sociais, nos países onde saúde e educação estão primordialmente sob responsabilidade do Estado, a elevação dos preços acarretou importantes problemas de financiamento público.

As características da evolução do setor serviços são, na verdade, a base sobre a qual se constrói a pauta a ser enfrentada pela intervenção do Estado através de políticas. Não é por acaso que nos países desenvolvidos as maiores preocupações da autoridade pública estão voltadas para políticas que sustentem e estimulem a eficiência dos modernos setores prestadores de serviços às empresas e para a discussão de reformas no aparato de sustentação do Estado de Bem Estar. O primeiro ponto é decisivo na definição da competitividade das empresas prestadoras de serviços mas, sobretudo, tem relação direta com a produtividade industrial. O segundo diz respeito a questões relativas ao equilíbrio fiscal dos Estados.

Não se deve esquecer, todavia, que uma parte do setor serviços tem sofrido mudanças estruturais que, de certa forma, relativizam o quadro acima traçado. Em primeiro lugar, chama-se a atenção para o recente arrefecimento na tendência de elevação do salário real, como conseqüência de políticas macroeconômicas diversas. Em segundo lugar, alguns subsetores são menos sujeitos à "doença de custos" (Baumol,1967) em razão dos ganhos de produtividade obtidos em função de novas trajetórias tecnológicas emergentes. Em terceiro lugar, a crescente exposição à concorrência internacional, fruto de inovações nos transportes e nas comunicações e de alterações na legislação reguladora do comércio internacional, pode alterar a tendência a custos crescentes presente no setor.

No caso brasileiro, não se pode deixar de considerar que discutir o setor serviços significa, necessariamente, trazer à superfície questões relativas à pobreza e à desigualdade, como a problemática da produtividade e da competitividade de suas empresas. Tradicionalmente, o setor serviços, e em especial alguns dos seus segmentos empregadores de mão-de- obra de baixa qualificação, absorve uma parcela expressiva do emprego e divide a opinião de pesquisadores no que diz respeito a seu papel na geração da pobreza e desigualdade.

2. Uma Tentativa de Classificação

Do exposto acima conclue-se que uma das razões principais para o relativo "esquecimento"

do setor de serviços na agenda de pesquisadores repousa nos problemas encontrados para se obter uma definição e classificação satisfatórias destas atividades e na consequente dificuldade em mensurá-las. As primeiras tentativas de classificação do setor serviços foram de Fisher e sobretudo de Colin Clark como foi colocado no ítem 1, embora estes assinalassem aos serviços um caráter residual. O grande desenvolvimento industrial do pós-guerra relegou os estudos sobre as atividades de serviços a segundo plano. Só a partir de meados dos anos 1970, quando ficou provado a importância dos serviços nas economias industriais e seu potencial de crescimento, foi que começaram a surgir estudos e classificações sobre o setor. Uma classificação de serviços amplamente utilizada atualmente é a formulada por Browning & Singelmann (1978) e ligeiramente modificada por Elfring (1988).[7] Estes autores propuseram uma divisão dos serviços em quatro grupos, identificados segundo a orientação da demanda, que estão discriminados abaixo:

- Serviços Produtivos: utilizados pelas empresas durante o processo produtivo, atividades intermediárias por natureza (seguro, serviços financeiros, "engineering", serviços jurídicos, propaganda e publicidade, comunicação, corretagem);

- Serviços Distributivos: após completado o processo produtivo são as atividades de distribuição dos bens (transporte, comércio, armazenagem);

- Serviços Sociais: atividades prestadas a coletividade (educação, saúde, lazer, administração pública);

- Serviços Pessoais: atividades prestadas aos individuos (hotelaria, restaurantes/bares, cabelereiros, domésticos, vigilância).

Tal tentativa é extremamente válida para colocar alguma ordem na diversidade dos serviços; foram classificados por Browning & Singelman (1978) vinte e sete tipos de

---

[7] O ECPC Issues Paper n° 1 distingue dois conceitos econômicos para se fazer uma classificação econômica. Um conceito é orientado para a produção (baseado na oferta), outro é orientado para o mercado (baseado na demanda); estes dois conceitos correspondem as categorias usadas nas estatísticas industriais. Para uma discussão sobre o uso destes dois conceitos para a classificação dos serviços, veja Economic Classification Policy Committee (ECPC), Issues Paper n° 6, Services Classifications, Bureau of Economic Analysis, U.S. Department of Commerce, Washington, March 1994

atividades, portanto observa-se que os serviços se ampliaram com relação às primeiras classificações e claramente estas atividades foram separadas das indústrias de transformação e extrativa. Porém, tal tentativa é, também, problemática pois, implicitamente, pressupõe que o setor de serviços é, de alguma maneira, exclusivo. Na prática, o que se observa, particularmente a partir da revolução microeletrônica, é que as fronteiras entre as atividades de serviços e as demais estão desaparecendo, pois algumas empresas manufatureiras também "produzem" serviços.[8] No extremo, pode-se até concluir como Castells (1989, 130) que "não existe um setor de serviços", mas sim uma série de atividades que aumentaram em diversidade ou especialização com a evolução da sociedade, e que serviços (especialmente os pessoais e sociais) são de fato, uma maneira de absorver o excesso de população gerado pelo aumento da produtividade na agricultura e indústria (Castells, 1989, 130). A implicação seria que se a produtividade se deteriorasse no setor industrial, o setor de serviços se contrairia. Tal indivisibilidade de serviços e manufatura tem sido proposta por vários autores, entre os quais Cohen e Zysman (1987).

Os problemas de definição e classificação que prejudicaram o estudo de serviços sem dúvida persistirão. Porém, o que deve ser enfatizado quanto às novas características ligadas ao setor de serviços trazidas pela revolução microeletrônica é que as novas tecnologias tendem a afetar tal setor de uma maneira inteiramente diversa do ocorrido no passado. Por um lado, a tecnologia, como no passado, tem sido responsável pela geração de novas ocupações e postos de trabalho que são vinculados a novos produtos ofertados pelas empresas. Exemplos mais conhecidos são o "software" e serviços de informação especializados que são dependentes das telecomunicações. Estas permitem, pela primeira vez, uma tendência à globalização de certas atividades de serviços. Por outro lado, outras atividades do setor de serviços mais localizadas (como serviços pessoais e sociais) e, portanto, menos sujeitas à globalização, são afetadas pelas novas tecnologias, em outra direção. Neste caso, os efeitos seriam mais no sentido de se obter significativos ganhos de produtividade nas atividades de serviços, diminuindo significativamente a capacidade do setor de gerar empregos e absorver o excedente da mão de obra. A tabela 1 resume as

---

[8]Nos anos 1980 assistiu-se a uma efervescência de classificações sobre o setor serviços, a OCDE e alguns organismos vinculados a esta organização estimularam pesquisas e estudos sobre classificação ou tipologias das atividades de serviços.

principais características frequentemente atribuídas aos serviços e as estratégias inovativas recentes de acordo com os diferentes aspectos dos serviços ligados à sua produção, produtos, consumo e mercado.

A diversidade encontrada nas atividades de serviços relaciona-se ao fato de que serviços direcionam-se a diferentes mercados - basicamente o do consumidor final, o intermediário (i.e. o do produtor de bens) e o do governo (público) - e envolvem diferentes processos de produção - transformando o estado de objetos físicos, pessoas ou informação codificada. A tabela 2 apresenta uma tentativa de classificação de serviços segundo estas três dimensões.

Tal tipologia permite relacionar as características específicas dos processos e produtos de serviços às mudanças tecnológicas prospectivas. De uma maneira geral, serviços físicos - transporte, serviços domésticos, etc. - têm sido objeto de concorrência de novos bens de consumo. Mesmo que tais bens possam ser associados a novos serviços (como o de reparo e conserto), o impulso tem sido muito mais na direcão do setor industrial concorrendo com serviços tradicionais. Por outro lado os serviços de informação - diversão em particular - têm recebido a concorrência de uma série de novos bens de consumo (e.g. TV, etc.) e uma série de novos serviços (gravações, etc.). Aquí, o mecanismo principal relaciona-se às possibilidades trazidas com e pelo desenvolvimento de "software". Os serviços centrados no indivíduo (barbeiros, etc.), realizados especificamente para cada "cliente" são um caso bem diferente, com pouca possibilidade de substituição por novos "bens".

As tecnologias trazidas pela revolução microeletrônica, baseadas na capacidade de um poder de processamento da informação relativamente barato, podem mudar radicalmente tal quadro. Até, recentemente, a automacão se dirigia a tarefas administrativas de rotina, básicas e de grande escala. Mas a disponibilidade de computadores pessoais com baixos preços utilizados com "user-friendly software" e o crescente acesso a comunicação móvel e redes de dados, tende a permitir que a automação se processe numa gama muito maior de funções de serviços.

No que se refere aos diferentes mercados, as principais mudanças em pauta referem-se ao constante deslocamento da fronteira entre atividades de serviços e atividades industriais, aos efeitos nos diferentes mercados trazidos pela globalização financeira e das

telecomunicações e pela mudança no papel do setor público trazida pelas discussões sobre a privatizacão de diversas atividades de serviços (previdência, saúde, etc.)

O relativo atraso dos estudos sobre as atividades de serviço no Brasil tem neste encontro, patrocinado pelo IBGE, uma excelente oportunidade de produzir um diálogo entre Produtores e Usuários de Informação, para levantar problemas e adequar as classificações internacionais à realidade brasileira. Neste sentido propomos a seguinte pauta de discussão:

a) Proposta tentativa de uma tipologia do setor de serviços, direcionada à realidade brasileira;

b) Impactos nas diferentes atividades de serviços da economia brasileira, especialmente no que se refere ao emprego e remuneração da força-de-trabalho, dos seguintes fatos econômicos:

• globalização das atividades econômicas e o crescimento do comércio de serviços;

• privatizacão de serviços públicos e desregulamentação dos transportes e serviços financeiros;

• mudanças tecnológicas tais como: automação, telecomunicações, informática;

c) Discussão de uma agenda preliminar de estudos e pesquisas sobre o setor de serviços no Brasil, visando dar conta das mudanças demográficas e o consequente aumento dos serviços de saúde e das alterações nos padrões de consumo e estilo de vida deste final de século.

3. Balanço sobre os Sistemas de Informações Existentes sobre o Setor Serviços

3.1 - O Sistema IBGE

O IBGE produz várias informações setoriais sobre os serviços: comércio, transportes, comunicações, hospedagem, outros serviços e índices conjunturais. Da base de dados gerados pelo IBGE através de informações censitárias (Censos Demográficos e Econômicos)), e das pesquisas domiciliares (PNAD e PME), obtém-se um conjunto de informações sobre o emprego no setor serviços extremamente abrangente. Além disso, as Pesquisas Anuais sobre o transporte rodoviário e o comércio completam uma vasta gama de dados sobre estas atividades relativas a mão-de-obra. A maior precariedade relativa aos dados produzidos atualmente diz respeito ao capital. Informações relativas às empresas

como tamanho do estabelecimento, receitas, insumos, população ocupada, imprescindíveis para o cálculo de produtividade dos serviços, enfrentam grandes dificuldades para serem produzidas, devido aos últimos dados serem de 1985. Uma outra questão importante foi a mudança da classificação das atividades econômicas (CNAE) em curso neste órgão. Até a implantação desta última classificação, as atividades denominadas "Serviços" só eram utilizadas nos Censos. A grande vantagem da nova CNAE é que esta tomou como ponto de partida a classificação International Standard Industrial Classification (ISIC), terceira revisão adotada pelas Nações Unidas, como instrumento de uniformização das estatísticas econômicas no nível interncional.

O Sistema de Contas Nacionais - o cálculo do PIB (Produto Interno Bruto) é uma obrigação legal do IBGE. Como recomendação dos organismos internacionais utiliza-se o conceito amplo de produção, que considera como produtiva toda atividade socialmente organizada para a Produção de Bens e Serviços, sejam eles transacionados ou não no mercado.[9] No cálculo do PIB os serviços são divididos em mercantis e não mercantis; estes são computados na conta de produção fornecendo uma agregação da contribuições destes ao valor adicionado. Para este sistema, o peso crescente das atividades de serviços na estrutura produtiva das economias atuais apresenta alguns problemas para a correção das contas nacionais. O problema central deriva de que para o cálculo do PIB as atividades com maior peso são de difícil medição. Isto porque as atividades de serviços têm maior nível de atomização, o conhecimento delas é mais impreciso e a obtenção dos dados mais custosa. Assim, aumenta a incerteza para a quantificação do PIB, pois, adquiriu mais peso o componente mais incerto (serviços). Deve-se estudar a atualização do instrumental de medição destas atividades para enfrentar as novas circunstâncias do avanço dos serviços na economia mundial.

Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD) - é uma amostra probabilística de domicílios, um inquérito continuo com informações anuais variadas sobre a situação sócio-econômica da população brasileira. Implantada em 1967, esta pesquisa teve várias reformulações ao longo destes anos. A investigação anual da PNAD informa sobre habitação, rendimento e mão-de-obra associados às características demográficas e de

---

[9]Ver Eurostat, Sistema Europeu de Contas Nacionais, 2° Edição, Luxemburgo, 1990 e Fundação IBGE Sistema de Contas Nacionais Consolidadas, Brasil, 1990

educação. Na questão de analisar as rendas do trabalho no Brasil esta pesquisa é uma importante fonte de informações desagregadas, o que permite analisar com profundidade o emprego nos serviços.

Pesquisa Mensal de Emprego (PME) - é uma pesquisa amostral domiciliar continua sobre a situação da mão-de-obra brasileira coletada pelo IBGE desde 1980 nas seguintes regiões metropolitanas: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. As informações sobre ramos de atividade são extremamente desagregadas, cerca de 150, o que para a diversidade das atividades em serviços pode ser uma grande vantagem.

Pesquisa Anual do Transporte Rodoviário - PATR

Esta pesquisa levanta informações sobre a atividade de prestação de serviços remunerados de transportes rodoviário de passageiros e carga. As informações são divulgadas a nível das unidades da federação, gêneros e grupos de atividades.

Pesquisa Anual de Comércio - PAC

Esta pesquisa acompanha a evolução e o desempenho do setor comercial. As informações são divulgadas a níveis das grandes regiões, unidades da federação, classes, gêneros e grupos de atividades.

3.2 - Outras Pesquisas[10]

Os arquivos dos registros administrativos abaixo discriminados são também importantes fontes de informações; o grande problema destes arquivos diz respeito à atualização dos dados e ao diálogo entre o sistema classificatório e o cadastro. Para as atividades denominadas "Serviços" os registros administrativos, a seguir definidos, também apresentam uma dificuldade quanto à classificação "formal e informal ". Como definir "informal"? As empresas com menos de 5 empregados devem ser classificadas como tal? A definição de "informal" é crucial para uma classificação do setor pois, as empresas

---

[10]Os registros do Banco Central sobre o comércio de serviços deixaram de ser considerados neste trabalho.

chamadas informais[11] estão praticamente alocadas nos serviços; na indústria como o capital imobilizado é grande e também é necessário um processo de distribuição das mercadorias, a maioria dos registros administrativos capta melhor estas atividades, enquanto nos serviços esta questão é diferente.

3.2.1 -Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) - Ministério do Trabalho

Este inquérito foi implantado em 1976 pelo MTb como elemento de análise da evolução do emprego, dos salários e da rotatividade da mão-de-obra no chamado mercado formal de trabalho. A RAIS tem uma ampla cobertura geográfica das atividades econômicas da indústria e dos serviços. A maior vantagem no momento deste sistema reside no fato de que, na falta do censo econômico, pode-se obter informações quanto às empresas e ao tamanho dos estabelecimentos para esta última década. No caso dos serviços estas informações são importantes porque este setor é usualmente carente de estatísticas básicas. A classificação de atividades é a CNAE a fim de garantir uma melhor comparabilidade dos dados ao longo do tempo.

3.2.2 -Cadastros de Origem Tributária

CGC - Cadastro Geral do Contribuinte

Este cadastro do Ministério da Fazenda, trata do nascimento das empresas (teoricamente também da morte) em cada Estado da Federação; aquelas fazem inscrição na Junta Comercial para poderem operar no Estado.

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercdorias

ISS - Imposto sobre Serviços

Estes cadastros não obedecem a classificação CNAE, mas são fontes de informação sobre as atividades produtivas, seja o ICMS de competência estadual, seja o ISS pelos municípios; estes registros administrativos fornecem informações sobre faturamento, número de empresas e impostos recolhidos.

Imposto de Renda da Pessoa Jurídica - IRPJ

---

[11]Uma definição usual no caso brasileiro é o corte via utilização de trabalhadores com carteira de trabalho ou não.

Os registros administrativos oriundos do imposto de renda pago pela empresa - CADEX, fornecem informações complementares sobre as empresas registradas aos cadastros do ICMS e ISS.

Conclusões

Este artigo trata, ainda de forma embrionária, a questão dos serviços num diálogo pioneiro entre produtores e usuários de informações. E esta discussão levou em consideração o espetacular crescimento dos serviços nas últimas três décadas, e espera-se que contribua para uma reflexão sobre o futuro da sociedade industrial e as relações entre os processos de terceirização e a crise econômica. Tudo parece indicar que o setor serviços se consolidará no topo da classificação setorial da atividade econômica e que este lugar será duradouro, tendo em vista o comportamento do emprego nas últimas décadas. Serão necessárias novas pesquisas para que se faça uma correspondência entre a importância econômica do setor e as concepções teóricas em torno do mesmo, aprofundando através de um enfoque desagregado do setor as relações entre a indústria e as mudanças que os serviços experimentam via as inovações microeletrônicas.

Tabela 1 - Características dos Serviços

Aspectos dos serviços	Características frequentemente atribuídas aos serviços	Estratégias inovativas recentes
<u>**Produção de Serviços**</u>		
Tecnologia e Planta	Baixos níveis de investimento em BK e altos níveis de investimento em prédios	Busca de redução de custos pelo uso de teleserviços, telefones "toll-free", etc.
Trabalho	Alguns serviços altamente profissionais, outros relativamente simples; Conhecimento especializado importante (mas raramente conhecimento tecnológico)	Busca de redução da dependência em capacitações caras e escassas pelo uso de "expert systems"; Realocação de operações-chave buscando reduzir custos da mão-de-obra (usando telecomunicações para manter coordenação)
Organização do Processo de Trabalho	Força-de-trabalho engajada em produção tipo artesanal com controle limitado de detalhes do trabalho por parte da administração	Uso de informática para monitorar força-de-trabalho
Características da Produção	Frequentemente descontínua com limitadas economias de escala	Padronização da produção (e.g. cadeias de "fast food"), reorganizando-a em forma de "linha de produção" com maior número de componentes padrão e maior divisão de trabalho
Organização da Indústria	Alguns serviços públicos; outros frequentemente de pequena escala com preponderância de empresas familiares e auto empregados	Privatização e "externalização" de serviços públicos; combinação de pequenas empresas usando tecnologias de "networking"; "service management systems".
<u>**Produto dos Serviços**</u>		
Natureza do Produto	Imaterial, frequentemente intensivo em informações; difícil de armazenar ou transportar; difícil distinção entre produto e processo	Utilização de componentes materiais (e.g. cartões de clientes); uso da telemática para pedidos, reservas e entrega; manter elementos de "user-interfaces".
Características do Produto	Frequentemente "customizado"	Uso de EDI (Electronic data interchange) para introduzir detalhes do cliente; uso de "software" pelo cliente ou provedor de serviços para registrar requisitos de produto

Consumo de Serviços		
Entrega do produto	Produção e consumo próximos no tempo e espaço	Telemática, ATM, etc.
Papel do consumidor	Serviços são "consumer intensive", necessitando insumos do consumidor no design/processo de produção	Uso pelo consumidor de "menus" padronizados e novas formas de pedidos de entrega (fax, EDI, etc.)
Organização do consumo	Difícil de se separar produção e consumo; comumente "self-service" nas economias formal e informal	uso crescente de "self-service".
Mercado de Serviços		
Organização dos mercados	Alguns serviços entregues via setor público; vários custos incorporados no produto (e.g. setor varejista)	Novas maneiras de cobrança (tipo "pay per"); novos sistemas de reserva; maior volatilidade no pagamento
Regulação	Regulação por entidades profissionais em vários serviços	Uso de "databases" por instituições regulatórias e provedores de serviços para fornecer indicadores de desempenho
Marketing	Dificuldade de demonstrar produtos "ex ante"	Garantias, pacotes de demonstração

Fonte: Miles (1994)

Referências Bibliográficas

Almeida, Anna Luiza O. de, "Distribuição de Renda e Emprego em Serviços", Rio de Janeiro, IPEA, Relatório de Pesquisa 34, 1976;

Almeida, Wanderly J. Manso de, "Serviços e Desenvolvimento Econômico no Brasil - Aspectos Setoriais e Suas Implicações", Rio de Janeiro, IPEA, Relatório de Pesquisa 23, 1974;

_______ & Silva, M. C. da, "Dinâmica do Setor Serviços no Brasil - Emprego e Produto", Rio de Janeiro, IPEA, Relatório de Pesquisa 18, 1973;

Andrade, M.V., "Setor Serviços no Brasil: A Dualidade Revisitada (1981/1990)", Belo Horizonte, CEDEPLAR/FACE/UFMG, Dissertação de Mestrado, 1994;

Baumol, W. J., "Macroeconomics of Unbalanced Growth: The Anatomy of Urban Crisis", em American Economic Review, June, 1967;

Bell, Daniel "The Coming of the Post-Industrial Society", Nova York, 1973, Basic Books, Inc.;

Brasil, IBGE, Pesquisa Mensal de Emprego (PME), Censo dos Serviços 1985, Censo de Empresas 1985, Sistema de Contas Nacionais Consolidadas (1990), Anuários Estatísticos, Cartas;

Brasil, Ministério do Trabalho, Anuário RAIS, vários anos;

Castells, M., "The Informational City: Information Technology, Economic Restructuring and the Urban-Regional Process", Blackwell, Oxford, 1989;

Clark, Colin "The Conditions of Economic Progress", Londres, 1940 e 1950, MacMillan Co.Ltd.;

Cohen, S. e Zysman, J. "Manufacturing Matters: The Mith of the Post-Industrial Economy", Nova York, 1987, Basic Books;

GATT (1987_) International TRADE 1988-89, GATT, Genebra.

Gershuny, Jonathan I., "The Future of Service Employment", em The Emerging Service Economy, Giarini, O. (ed.), Perganon Press, 1987;

Griliches, Z. (ed.) "Output Measurement in the Service Sector", NBER Studies in Income and Wealth, vol. 56, University of Chicago Press, Chicago, 1992;

Gutiérrez, J.P., "El Crecimiento de los Servicios: Causas, Repercusiones y Politicas", Madrid, Alianje Editorial, 1993;

Tabela 2 - Classificação de Serviços

Tipo de Mercado	**Tipo de Produção**		
	Serviços Físicos	Serviços Centrados no Indivíduo	Serviços de Informação
Estado		Educação Saúde Previdência	Governo em geral
Consumidor	Serviços domésticos Varejo	Barbeiros, etc.	Entretenimento
Misto	Hotelaria Consertos		Telecomunicações Bancos Seguros
Produtor	Comércio atacadista Distribuição		Arquitetura Serviços de engenharia Contabilidade

Fonte: Tabulação dos Autores.

Gómez, Clemente del R., "Cambio Estructural y Evolution del Sector Servicios en El Area de la OCDE.: Uma Referencia al Caso Espanol", em Velarde, J. & Delgado, J.L. & Pedreno, A., (eds), El Sector Terciario de la Economia Espanola, Madrid, Colegio de Economistas de Madrid, 1987;

Hill, T.P., " On Goods and Services", em The Review of Income and Wealth, march, 1977;

Melvin, James R., " History and Measurement in the Service Sector: A Review" em The Review of Income and Wealth, december 1995;

Miles, I. "Innovation in services", em M. Dogson & R. Rothwell (eds) The Handbook of Industrial_Innovation, Edward Elgar, Aldershot, 1994;

Mohr, M. F., "Recent and Planned Improvements in the Measurement and Deflation of Services Outputs and Inputs in BEA's Gross Product Originating Estimates", em Griliches, Z., (ed), 1992;

OCDE, Services: Statistic on International Transactions 1979-1992, Statistic Directorate, 1995;

Richardson, John B., "A Sub-Sectoral Approach to Services`Trade Theory", em Giarini, O. (ed.), The Emerging Service Economy, Perganon Press, 1987;

Riddle, D., "Service-Led Growth: The Role of the Services Sector in World Development", New York, Praeger, 1986;

Singelmann, J. (1978) From Agriculture to Services: The Transformation of Industrial Employment, Sage, Beverly Hills.

United Nations, "National Accounts Statistics: Main Aggregates and Detailed Tables, 1991", Part II, New York, 1993;

U. S., Department od Commerce, Issues Papers n° 6, Services Classifications, Economic Classification Policy Committee, Bureau of Economic Analysis, Washington, march, 1994;